

A oportunidade e a beleza do camaleão

LUÍS CARLOS LISBOA

O mestre em sofrimento e humanidade que foi Leon Tolstói, observou em "Ana Karenina" que todas as famílias felizes eram parecidas entre si, mas cada família infeliz era infeliz a seu modo. Seria possível afirmar que alguma coisa parecida ocorre com os países, e que no caso especial do nosso a maneira como a infelicidade incide sobre nós tem a forma da repetição e da crânice, antes que a aparência da catástrofe e da guerra. Nem mesmo os comentaristas da crise brasileira que se colocam entre os terríveis generalizadores e incuráveis "reducionistas" podem negar o clima crítico em que está mergulhado o País a partir da metade do ano passado. Iniciados na costureira confusão os trabalhos da Constituinte, e desencadeado na economia um incontido processo de inflação-recessão — apesar da liberação de alguns preços e de outros cipados — sabemos pelo menos que esse é o nosso caminho, o modo muito peculiar como nossa família é infeliz.

Onde os remédios tradicionais não resolvem, esperamos talvez que a via medicatrix natureae resolva as coisas, daquela maneira quieta e demorada como de fato ela atua, quando atua. Porque recessão com inflação é demais, e a liberdade de alguns preços não resolve porque o artifício geral permanece. Já no mês de janeiro havia no ar alguma inquietação, com uma queda expressiva nas vendas do comércio e com notórias discordâncias entre ministros do governo sobre a maneira de rebater a peteca. Se a liberação e o realinhamento de preços não impedirem que a vida suba em fevereiro até a taxa temida de 20%, é pouco provável que ela desça depois aos 7%, como sonham os inevitáveis otimistas do governo. O controle firme de preços mantido por tanto tempo revelou-se miragem no deserto até para aqueles que antes nele acreditavam. Os outros, que sabiam inexistível a medida, observaram com tédio ou revolta seu desmoronamento. No reino da economia, a chuva continua parecendo inevitável: a inflação leva à desvalorização cambial e os preços são esporeados para a frente; os juros adocem da mesma enfermidade e pulam para o alto, contribuindo para que o gatilho salarial dispare todo mês. Em resumo: inflação com recessão, uma forma cruel de infelicidade pública, que a relativa liberdade dos preços já não conseguiu evitar.

Nosso modo peculiar de sofrer politicamente é também bastante sofisticado. Na Assembleia Constituinte, onde os novos precisam afirmar-se a todo custo, os remanescentes da legislatura passada não querem que empalideça sua imagem conquistada a duras penas. Como se ela valésse a pena. E, agora, o antigo jogo totalitário de designar para controlar voltou a ser utilizado ali para compensar a falta de votos, constando ele principalmente de pespegar títulos depreciativos nos grupos não radicais, para que dali corram os que têm horror a qualquer tipo de rejeição e precisam do reconhecimento alheio. A escamoteação é antiga e agora retorna recauchutada de modo a prestar novos serviços, abrindo rótulos para direitistas e progressistas, conservadores e avançados, fascistas e democratas — de tal maneira que as proposições reacionárias da esquerda pareçam

ousadas do centro, e as idéias pragmáticas de um centro neoliberal figurem como propostas obtusas e talvez fascistas. Quem quiser entender a quem beneficia a manobra, basta descobrir quem cola nas testas dos demais as designações, quem batiza os companheiros e os grupos. Ao governo interessaria uma grande bancada do centro democrático, mas é pouco provável que ele se encarregue de organizá-la quando o próprio Executivo é tão sensível às pechas e aos rótulos de alguns habéis homens públicos e analistas da vida política.

A grande experiência política do presidente Sarney mostrou-lhe o caminho do PMDB, quando o destino fez com que substituisse o finado presidente Tancredo. Já não se tratava de harmonizar-se com o partido, mas de fundir-se com ele em pensamentos, palavras e obras. Ao contrário de uma adaptação, foi preciso empreender uma absorção total, o que nem todo político conseguiria com facilidade. O presidente Sarney fez-se um só com o PMDB, num mimetismo que não dispensou gentileza, além de pedir algum desapreço e inquestionável talento. É possível que no dia seguinte àquele em que essa transformação ocorreu, ele tenha olhado para o PDS como para um estranho. Mas a dificuldade de tornar-se um único ser com uma agremiação como o PMDB, é que ela é como a nuvem de Hamlet, que tomava todas as formas e continha todas as aparências. Se o presidente fosse apenas peemedebista, a coisa seria mais fácil. Mas não. Ele tornou-se o PMDB. Coisa extraordinária e difícil precisamente porque o grande partido é tudo ao mesmo tempo, odiando ser chamado "conservador" e querendo estar rigorosamente dentro da moda política — todas as modas, melhor dizendo. Daí que o presidente e o partido são contra a exibição do "Je-vous salue Marie", mas trazem ao Brasil o Fidel Castro nos braços. São pelas "diretas-já", mas defendem um mandato presidencial de cinco ou seis anos. São pela desapropriação de terras na marra, mas se afirmam moderados quanto à reforma agrária.

Assim é o partido. Assim tornou-se o presidente. Na Assembleia Constituinte, o PMDB tem todos os ingredientes para cair na armadilha semântica do progressismo versus reacionarismo. É possível que os grupos e blocos que vão surgindo ao longo de 1987, durante a discussão da nova Carta, definam-se depois como novos partidos. Mas isso vai influir muito pouco no comportamento do partido peemedebista, que sendo uma colcha de retalhos não tem obrigação de ser definitivamente nada, podendo apresentar-se como ficar melhor no momento. Estará equivocado quem julgar essa imprecisão de forma severa. É possível que nos tempos que correm, e com a visível imaturidade dos nossos políticos desatrelada num ano de feitura constitucional, é possível que esse amorfismo momentâneo seja a única maneira de conduzir o País sem um conflito maior, sem impasses que imobilizariam a nação até que se descubra que a liberdade não é necessariamente caótica, e que a tranquilidade e a harmonia vêm de dentro para fora do homem, e não ao contrário. Até lá, vamos meditar sobre as lições que nos dá esse bichinho simpático e altamente adaptado que é o camaleão.